

A Dança como possibilidade de performar feminismos negros

Rafaela Francisco de Jesus
Mestranda em Performances Culturais Universidade Federal de Goiás (UFG)
Bolsista CAPES

Renata de Lima Silva
Professora do curso de Licenciatura em Dança e do Programa de Pós- graduação em
Performances Culturais na Universidade Federal de Goiás

RESUMO

O presente artigo pretende abordar as relações entre dança e feminismo negro. Partindo das reflexões em torno do corpo da mulher negra, que surgiram no decorrer de um processo de criação em Dança que será ponto de partida para apresentar trabalhos artísticos de outras artistas ou Cias de danças negras. Deste modo, discorreremos sobre o espetáculo *Rés – mulheres em Cárcere* (2017), da Corpórea Cia. de Corpos e a performance ritual *Eu, Mulher, Rainha...* da artista Vânia Oliveira. Conceitos como Danças Negras (Ferraz, 2017), Feminismo Negro (Carneiro, 2003) e Interseccionalidade (Crenshaw, 2002) fazem parte dessa construção tecida entre arte e política em torno da dança e do Feminismo Negro.

Palavras-chave: Danças Negras; Feminismo Negro, Interseccionalidade.

Se sozinhas já somos fortes, juntas seremos inquebrantáveis.

Vânia Oliveira, 2016

O presente trabalho almeja refletir sobre o processo de aprendizado da disciplina de Tópicos Avançados em Performances Culturais II, ministrada pela Profa. Dra. Renata de Lima Silva no primeiro semestre deste ano e as conexões com artistas e companhias negras da dança que tenham como eixo norteador de suas obras o feminismo negro interseccional.

Para tanto se faz necessário definir de que dança se deseja falar, Ferraz (2017) em seu artigo *Identidades Negras na Dança: epistemes e anunciações*, afirma a existência de uma dança negra e que esta se constitui entre os campos artísticos da diáspora africana. O autor problematiza os processos de invisibilização dessas danças, defendendo o ato de nomeá-las como uma possibilidade de afirmação política dentro de uma estrutura de poder



que reproduz privilégios.

Ao se afirmar como um pesquisador de danças negras, Ferraz (2017) aponta que essa atitude permite o reconhecimento de um caminho que é construído com base em escolhas e envolvimento, que agregam militância política e poéticas artísticas, colaborando com modos de compreensão plurais e éticos na construção do entendimento da arte negra no Brasil.

Corroborando com o que aponta Ferraz (2017) a dança negra neste estudo é compreendida como lugar de convergência política do ponto de vista de uma militância engajada na luta antirracista e ao mesmo tempo poética, ao perceber nas fissuras sociais em torno do corpo negro, possibilidades de criação em dança.

De modo específico, desejo abordar as danças negras pautadas em poéticas feministas e negras, que tragam para a cena as problemáticas e as possibilidades de empoderamento das mulheres negras. Assim, localizo o feminismo negro e a interseccionalidade como lentes para olhar para essas danças.

A necessidade de “enegrecer o feminismo”, como afirma Sueli Carneiro (2003), surgiu da imprescindibilidade de pensar uma agenda política que abarcasse a condição da mulher negra na sociedade. Neste processo, foi possível assimilar a identidade branca e ocidental do feminismo clássico e ao mesmo tempo a insuficiência deste, no reconhecimento das diferentes expressões do feminino em sociedades multirraciais e pluriculturais.

Ao tomar consciência de tais aspectos do feminismo clássico e seus impactos na condição social da mulher negra, emerge o feminismo negro trazendo a baila as condições específicas de ser mulher, negra e em geral pobre. Segundo a autora,

Pensar a contribuição do feminismo negro na luta anti-racista é trazer à tona as implicações do racismo e do sexismo que condenaram as mulheres negras a uma situação perversa e cruel de exclusão e marginalização sociais. Tal situação, por seu turno, engendrou formas de resistência e superação tão ou mais contundentes. O esforço pela afirmação de identidade e de reconhecimento social representou para o conjunto das mulheres negras, destituído de capital social, uma luta histórica que possibilitou que as ações dessas mulheres do passado e do presente (especialmente as primeiras) pudessem ecoar de tal forma a ultrapassarem as barreiras da exclusão. (Carneiro, 2003, p. 129)

A autora norte americana Kimberle Crenshaw (2002), tem utilizado o termo interseccionalidade, para denunciar o modo como as injustiças sociais têm sido permitidas nas brechas da lei, na falta de reconhecimento das diversas formas de opressões sofridas pelas mulheres negras ou “não brancas”, como também define a autora. Ao longo dos anos essa abordagem tem se aplicado aos diversos contextos de violência em que a mulher negra está inserida, desde a violência policial a violência doméstica e nos casos que o sistema



judiciário acaba não reconhecendo todos os seus demarcadores sociais.

Para Crenshaw (2002, p. 177)

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

Percebo o Feminismo Negro e a perspectiva interseccional como forças complementares no que tange a busca de direitos da população negra, de modo mais específico, as mulheres negras e a reparação de injustiças sociais dos grupos sociais marginalizados. Neste sentido abordaremos aqui trabalhos artísticos de dança, que estejam engajados na militância por um feminismo negro interseccional, criados e interpretados por mulheres negras, que busquem denunciar as suas/nossas opressões e/ou anunciar e favorecer o empoderamento dessas mulheres.

Todas as mulheres que habitam em mim

A disciplina ofertada para a pós-graduação como Tópicos Avançados em Performances Culturais II é componente curricular obrigatório do curso de Licenciatura em Dança como Metodologia de Ensino e Pesquisa em Dança II, ofertada aos estudantes do 5º período do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás e almeja oferecer possibilidades de criação e ensino da dança por meio das histórias pessoais.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Dança (Resolução CEPEC 1191-2013), a disciplina de Metodologia de Ensino e Pesquisa em Dança II, possibilita o estudo dos desdobramentos das danças brasileiras em conjunto com a história pessoal do estudante, buscando em ambas possibilidades de criação e ensino da dança.

Como estudante da graduação em Dança já cursei essa disciplina em 2015 e agora como estudante do Mestrado em Performances Culturais, surgiu a oportunidade de refazê-la e ainda acompanhar a mesma como estagiária, o que me permitiu experienciar à docência em alguns momentos.

Pretendo destacar aqui os pontos que mais contribuíram para o processo de criação desenvolvido na disciplina, denominado mulheres que habitam em mim. Tal processo foi fomentado pela busca das histórias pessoais da minha família materna, em que pesquisei



histórias da minha Bisavó Ana, da minha Vó Maria e da minha Mãe Joanilza.

A principal motivação para a busca da minha Bisavó foi o livro de literatura juvenil *Bisa Bia Bisa Bel* de Ana Maria Machado, que conta a história de Isabel e a descoberta da sua Bisa Beatriz ou Bisa Bia como ela chamava.

Isabel descobriu uma foto antiga da sua bisavó criança enquanto sua mãe mexia nas coisas antigas dela, o livro vai contando de forma simples e envolvente o contato, as descobertas e as contradições de Bel e Bia, pois como confessa Isabel no início do livro sua bisa vive dentro dela. Em um jogo lúdico a comunicação entre Bel e Bia vai se desenrolando e as contradições geracionais vão surgindo. Como se a Bisa Bia realmente estivesse dentro dela.

Um dia Isabel levou a foto de sua Bisavó para a escola para mostrar aos amigos e a professora a deixou cair por lá, ela ficou triste achando que havia perdido. A professora encontrou a foto e mostrou aos demais colegas que também ficaram motivados a buscar fotos antigas de seus familiares e contar suas histórias. Processo parecido com que estávamos passando na disciplina, pois levamos fotos dos nossos familiares e conversamos sobre as histórias que havíamos escutado.

No processo de buscar histórias, fui tentar saber mais sobre a minha Bisavó, que faleceu muito antes de eu nascer, há mais ou menos 40 anos. Ao conversar com minha mãe ela começou também a buscar suas memórias, pois quando a Bisa morreu ela tinha 7 anos ou menos, ela disse que se lembrava dela lhe pegar nos braços e lhe encher de carinho. Tanto ela quanto meus tios lembravam muito pouco, se detinham ao fato dela ser uma mulher alegre, disposta, comunicativa, que gostava de viajar e era muito independente.

Porém, essa parte da história não parecia bater com o seu fim, Bisa Ana morreu de depressão, quando um dos seus filhos se meteu em problemas e fugiu da cidade. Com o ocorrido Bisa Ana parou de comer, desistiu de viver e faleceu pouco tempo depois.

As informações que consegui sobre Bisa Ana não me pareciam suficientes para um estudo cênico de dança que deveria ter entre 5 e 10 minutos. Ainda assim, usei como motivação criativa a sua alegria enquanto mulher e a sua tristeza enquanto mãe na relação com o seu filho.

Como estava nesse mesmo período escrevendo minha dissertação de mestrado e a banca de qualificação estava próxima fui motivada a pensar questões que estavam latentes na pesquisa de mestrado em que proponho investigar a Performance Negra de Victoria Santa Cruz¹ e a possibilidade de diálogo com a escriturabilidade, a escrita a partir das vivências de

¹ (1922-2014) Foi uma artista afro-peruana de grande relevância para a cena cultural e política negra do Peru,



um corpo-mulher-negra, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo (2005).

Para tanto me proponho a escrever cartas para mulheres negras a partir de problemáticas que surgem no espetáculo *La Magia Del Ritmo* (2004), que foi o último espetáculo dirigido e encenado por Victória Santa Cruz. Para dialogar com o processo de criação da disciplina escolhi as cartas que escrevi para minha vó e para minha mãe.

Na carta para minha vó abordei o saber orgânico termo amplamente usado por Victória Santa Cruz (2004), tanto em seu livro *Ritmo el Eterno Organizador*, quanto em seu espetáculo *La Magia del Ritmo*, para afirmar a conexão do indivíduo com o seu interior e da busca pela intuição. O conceito saber orgânico também é usado por Antônio Bispo (2015), em seu livro *Colonização, Quilombos modos e significações*, que foi lido e debatido na disciplina.

Dessa carta em específico apreendi movimentos de trabalho da minha vó, bem como a relação dela com as ervas, já que como uma mulher que mora em uma comunidade rural maneja a terra, planta, colhe. Compra seu café em grãos verdes e ela mesmo torra e mói. Além disso, resgatei memórias da época em que ela fazia linguiça de carne de porco para vender na feira, período em que todo o processo era feito por ela com a ajuda de seus filhos e filhas. Para nós netos e netas ainda crianças, todo o processo de cortar a carne e encher as linguiças era divertido, com exceção do momento que o porco era morto, que era bastante assustador.

Na carta para minha mãe problematizo questões do espetáculo *La Magia del Ritmo* e do livro de Djamila Ribeiro, *Quem Tem Medo de Feminismo Negro?* Foram norteadoras. O contato com a obra de Djamila me provocou a escrever uma carta para minha mãe pensando os nossos corpos, enquanto mulheres negras de pele clara, abordando a figura da “mulata” e problematizando algumas situações de assédio que ela viveu quando trabalhava como empregada doméstica, profissão que ainda exerce. No trânsito entre a hiperssexualização e a saúde da mulher negra, pude tocar em aspectos da nossa história e dos nossos processos de cura enquanto mãe e filha.

Essas cartas somadas a busca pela minha bisavó, me conduziram ao trabalho mulheres que habitam em mim, que trago a alegria e a dor de bisavó Ana, a conexão de Vó Maria com a natureza, a dor e os abusos sofridos por Mãe Nega e questionada pela Professora

sendo a criadora e percussora dos primeiros grupos de teatro e das danças negras, em parceria com seu irmão Nicomedes Santa Cruz. Sua obra de maior eco é poema *Me Gritaron Negra*, disponível na plataforma do youtube. Seus trabalhos artísticos foram principalmente nas áreas da dança e do teatro, porém Victória também foi e compositora, cantora, figurinista, poeta e foi professora universitária por 17 anos na Escola de Drama da Universidade Canergie Mellon, nos Estados Unidos.



Renata se eu não habitava em mim mesma, trouxe uma célula do trabalho *Nada Além de Mim*, que coreografei e dancei em parceria com Laís Guerra e Johnathans Paiva em 2014².

O trabalho cênico *Nada Além de Mim*, foi construído com base nos medos, inicialmente nos meus medos e depois no diálogo com a síndrome do pânico. Na ocasião foi possível entrevistar pessoas que já sofreram o transtorno e a partir desse material realizar os laboratórios de movimento que resultaram em uma célula coreográfica de aproximadamente 10 minutos, que ao ser modificada para o solo tem em média 3 minutos.

Ao longo do tempo, fui incorporando novos sentidos a esse trabalho e percebendo que ele é a expressão de aversão a tantas coisas, ao medo, ao racismo, ao assédio que também é um dos nossos medos enquanto mulher e nisso esse trabalho vai sendo cada vez mais meu e cada vez que o danço ele me toca de uma maneira diferente.

Deste modo, o trabalho artístico *mulheres que habitam em mim* se deu em quatro momentos, no primeiro momento eu seguro uma manta verde de crochê que minha mãe guarda desde quando eu era bebê, com o contorno dos meus braços a manta ganha a forma de um bebê, sorrio e me relaciono com esse elemento cênico e trago algumas movimentações que fazem referência ao Samba de Reis³.



Foto: Flavia Honorato. Olhares e afetos.

Aos poucos vou desconstruindo esse estado de alegria, percebendo a inexistência desse bebê e o vendo como uma simples manta. A ausência do bebê me conduz a uma movimentação e expressão de grande tristeza. Entre movimentos de tensão, as mãos abrem e fecham e uma delas fecha minha boca, em um gesto de silenciamento e ao mesmo tempo

² Processo criativo foi fruto do Curso de Formação para Coreógrafos Núcleo Coreográfico oferecido pelo SESI em parceria com o curso de Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG) entre os anos de 2013 e 2014. O trabalho estreou em 2014 na programação da Mostra SESI. Anos depois foi adaptado para um solo.

³ manifestação cultural de Missão de Aricobés-BA, que reúne dança, batuque e canto.



negação do alimento.

Vou em direção ao chão e me coloco diante de uma lenço azul dobrado de forma triangular e o amarro em minha cabeça, fazendo menção a minha Vó Maria que sempre tem um lenço amarrado em sua cabeça, dali avisto um pequeno monte de folhas de hortelã e faço uso delas como se o meu corpo quisesse curar e purificar, já que o contato com as ervas em minha família em forma de chás e afetos é constante.



Foto: Flavia Honorato. Olhares e afetos.

Dali em diante os movimentos são de trabalho desde o capinar, plantar sementes, que representei fazendo uso da umburana⁴, retirar água da cisterna e moer o café. Vou lentamente me despedindo dessa memória e me agacho tirando o primeiro vestido, estampado em cinza, branco e preto com desenhos de mandalas e deixo aparecer o que estava por baixo, azul marinho, liso, sem mangas.

Ao tirar o vestido, estendo-o no chão, como se quisesse estica-lo, desamarrota-lo, fazendo referência ao ato de passar roupas, trazendo para a cena a minha mãe como passadeira e o lenço que estava em minha cabeça se torna um pano que começo a limpar desesperadamente o chão, o meu corpo, o espaço ao redor. Ao sentir que alguém se aproximava querendo tocar o meu corpo e me assediar, grito e lanço o pano longe.

⁴ semente que é usado para mastigar ou fazer chá em casos de má digestão.

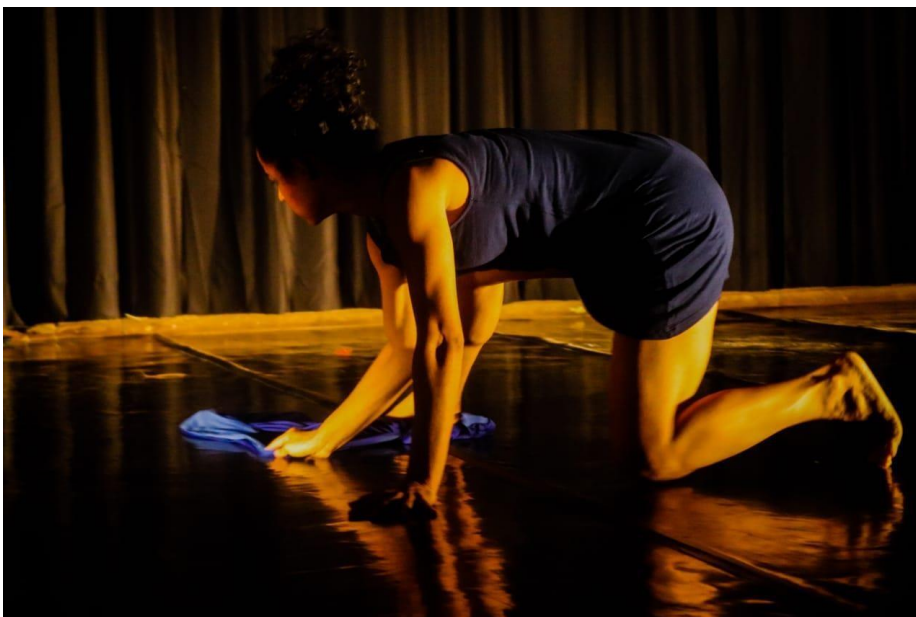


Foto: Flavia Honorato. Olhares e afetos.

Caio no chão sentada sob os calcanhares, coloco a minha cabeça no chão e direciono as minhas mãos para dentro e os cotovelos para fora, dando início a coreografia nada além de mim, e me apresento em cena. Vou levantando a cabeça lentamente e me disformo em direção ao nível alto, com ombros tensos e dedos se movendo, volto ao chão.

Transitando entres os níveis (alto, médio e baixo) com movimentos disformes de tensão e angústia, com a atenção voltada para dentro, olhos voltados ora para o chão, ora para os dedos, me coloco de cócoras com cotovelos para dentro do joelho e dedos em movimento, olhar focado para o movimento dos dedos que vão ficando cada vez menores até ficar invisível anunciando o fim do trabalho.

O meu encontro com as mulheres que habitam em mim por meio da disciplina de Tópicos Avançados em Performances Culturais II, somadas as inquietações internas a escrita da dissertação de mestrado em torno do feminismo negro, me fizeram pensar na possibilidade de uma dança que performasse Feminismos negros, uma dança militante por um feminismo negro interseccional.

Neste sentido, vejo nesse processo de criação embrionário essa possibilidade, pois sou uma mulher negra em cena, dançando aspectos da história de outras três mulheres negras com suas dores e sorrisos, sabores e dissabores.

As sementes que surgiram do trabalho em questão, me fez buscar grupos artísticos que trabalham a arte como militância e a militância como arte. Sendo assim, desejo apresentar o trabalho de grupos artísticos negros, sobretudo, de artistas negras que vem



construindo suas produções cênicas em dança por um viés feminista e negro, abordaremos neste estudo o espetáculo *Rés – Mulheres em Cárceres* (2017), da Corpórea Cia. de Corpos de São Paulo - SP e o trabalho teórico e prático da artista e pesquisadora Vânia de Oliveira, de Salvador - BA.

Corpórea Cia. de Corpos e o espetáculo *Rés – Mulheres em Cárceres* (2017)

A Corpórea Cia. de Corpos de São Paulo, trata em seu primeiro espetáculo *Rés – Mulheres em Cárceres* (2017) as múltiplas formas de encarceramento feminino e negro, problematizando dentre outras questões o aumento de mulheres negras encarceradas.

Sendo fundada em 2016 por Verônica Santos, William Simplício e Malu Avelar, a Corpórea Cia. de Corpos tem como objetivo evidenciar corpos negros em ações do cotidiano, a Cia. aborda em seus processos questões e reflexões sociais para pensar trajetórias, memórias e processos históricos, buscando a potencialização desses corpos negros na cena contemporânea.

O espetáculo *Rés – Mulheres em Cárceres* é o primeiro trabalho artístico da Cia. Trata-se de um espetáculo de dança, dirigido por Verônica Avelar e tem como intérpretes-criadores Verônica Santos, Debora Marçal e Malu Avelar. Neste, o encarceramento em massa no Brasil é ponto central com foco na condição da mulher, trazendo para o palco de forma interseccional gênero, raça e classe em forma de denúncia ao crescimento do encarceramento negro e feminino.

O espetáculo é dançado por três mulheres negras e traz em seu escopo o tom de denúncia que almeja a conscientização, como enfatizaram Verônica e William em entrevista ao Itaú Cultural:

Para uma população que ao crescer entende que o lugar de seus corpos, depois da escravidão, são as valas, os camburões, o crime, as penitenciárias e a morte ainda na juventude... só nos resta a conscientização. Todos os corpos negros no Brasil estão sujeitos ao encarceramento ou à morte por uma arma do Estado, e nesse sentido o aprendizado talvez seja denunciar através da nossa arte. É importante denunciar para nós mesmos os lugares que querem que os nossos corpos ocupem na sociedade brasileira, lugar que nunca é o do protagonismo que um corpo branco ocupa. (SIMPLÍCIO E SANTOS, 2017)



Foto: Noelia Nájera fotografia

É evidente que o trabalho desenvolvido pela Corpórea Cia. de Corpos está comprometido com as demandas sociais e políticas apresentadas na contemporaneidade em torno do corpo negro, questionando as estruturas de poder e abordando nesta obra especificamente questões inerentes a condições das mulheres negras no Brasil.

Soube da existência deste trabalho e desta companhia em um curso que foi oferecido pelo projeto “eles fazem dança contemporânea”, de Leandro Souza financiado pelo Programa de Ação Cultural em São Paulo. O curso Outros Movimentos para a Dança Brasileira, coordenado por Luciane Ramos e Fernando Ferraz, abordou a dança a partir de uma perspectiva afro-diaspórica, propondo a revisão da presença negra na cena brasileira, acionada a partir de biografias de artistas, espetáculos e propostas pedagógicas que demonstrassem a relevância desses trabalhos enquanto presença histórica na construção de um pensamento social contra hegemônico. Possibilitando aos participantes o reconhecimento de epistemologias e modos de atuação no mundo que compreendam a dança como área que produz conhecimento.

Na ocasião, foram apresentados diversos artistas negros e negras, bem como companhias e trabalhos pontuais, dentre eles o espetáculo Rés – Mulheres em Cárceres. Foi dada ênfase

às biografias de grandes nomes da dança no Brasil como Catherine Dunham (1912-2006), Clyde Morgan, Inaycira Falcão e Germeni Accogni⁵.

Considero importante mencionar este curso pelo leque de artistas que foi apresentado e por ter consciência da importância de falar dessas biografias para que não caiam no esquecimento. Exercício que me proponho neste trabalho ao me referir as artistas negras valorizando aqui a arte como militância por um feminismo negro.

Vânia Oliveira: Eu, Rainha, Mulher...

Me desloco agora para o Nordeste, mais especificamente para a Capital baiana Salvador, seguindo os rastros de Vânia Oliveira, atualmente professora assistente do curso de Licenciatura em Dança na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), foi Rainha do Bloco Afro Malê Debalê durante os anos 2000 e 2006 e Princesa do Bloco Afro Ilê Aiyê durante os anos 2001 e 2014.

Em sua dissertação de mestrado intitulada *Ara-itàn: a dança de uma rainha, de um carnaval de uma mulher...* defendida em 2016 no programa de pós-graduação em Dança, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, a autora buscou afirmar que a dança como pensamento do corpo pode ser responsável por transformações, além de ser mola propulsora para o empoderamento da mulher negra, de modo individual ou coletivo, podendo contribuir também para que haja mudanças de comportamentos e das atitudes dessas mulheres.

Para Oliveira (2016) o reconhecimento da resistência dos seus ancestrais na manutenção de suas memórias, a conduz a acreditar que é necessário fortalecer os mecanismos de empoderamento que são criados principalmente para combater as opressões e exclusões sofridas pela comunidade negra. A autora ainda afirma que:

Alguns destes mecanismos são as práticas africanas que foram reinventadas na diáspora e são representadas por movimentos negros organizados, como os movimentos negro feminista e os Blocos Afro de Salvador que no mesmo processo dinâmico diaspórico vêm ganhando outras formatações. E são estas práticas que possibilitam a criação deste território chamado diáspora que nos conecta simbolicamente ao território africano a partir de uma África idealizada, fazendo reivindicações políticas, históricas e sociais dando origem a esta diáspora negro

⁵ Embora não tenha se fixado no Brasil, artista fez parcerias artísticas aqui e tem grande relevância nas danças africanas do Oeste, sendo fundadora da Escola de Areias em Senegal e sujeito de pesquisa no doutorado da Luciane Ramos, com o título *CORPO EM DIÁSPORA: Colonialidade, pedagogia de dança e técnica* Germaine Acogny, defendida em 2017, no Programa de Pós Graduação em Artes da Cena da UNICAMP, em 2017.

africana chamada Brasil, escrevendo uma nova história e inaugurado outro jeito de viver. (OLIVEIRA, 2016, p. 82)

Tive a oportunidade de conhecê-la pessoalmente em 2018 durante o II Seminário Corpo, Cena e Afro-epistemologias, organizado pelo Instituto Federal de Brasília. Na ocasião pude ouvi-la na mesa Transversalidades e Negritude na Cena Contemporânea em que ela falou um pouco sobre sua pesquisa de mestrado citada acima, apresentando as fotos e as histórias das atrizes sociais escolhidas para o estudo, todas rainhas ou princesas dos blocos afro.

A programação do mesmo evento abarcou a performance ritual *Eu, Rainha, Mulher Negra...* Em que são projetadas em áudio várias frases racistas e sexistas, onde a artista vai reagindo a elas, expressando dor e repulsa com movimentos de tensão. Durante a evolução da performance ela começa o seu ritual de preparação como rainha, pedindo que pessoas da plateia, a ajude colocando cada adereço e quando ela estava com seu figurino completo, subiu no palco e dançou com a graciosidade, força e beleza de uma rainha.



Foto figurino performance ritual: Eu, rainha, mulher
Arquivo pessoal.

No dia seguinte tive a oportunidade de vivenciar uma oficina de dança oferecida por Vânia, a maneira como ela foi conduzindo cada movimento desde o aquecimento a finalização deixou evidente a mensagem de alguém que deseja contribuir para a construção da autoestima, autoconfiança e a transmissão de uma filosofia permeada pelos valores civilizatórios dos blocos afro. Eu Saí daquele espaço me sentindo uma rainha, mulher negra.



A possibilidade de ouvir, vivenciar e ler o trabalho de Vânia, fica evidente de forma irrefutável o seu compromisso com uma escrita e uma prática que se afirma negra e feminista. E que bebe nas fontes dos blocos afro e do candomblé lugares em que as mulheres são protagonistas e descobrem na beleza de ser mulheres negras e, a rainha que tem em cada uma delas.

Mesmo compreendendo a lógica de funcionamento de um concurso em que apenas uma sairá vencedora, cada uma deve buscar dentro de si, as nuances e os contornos de ser mulher e negra. Suas conexões com a história e assim, construir e reconstruir suas identidades, bem como novos modos de afirmação de beleza afro centrada. Reproduzindo aqui uma frase que vi estampada em uma das paredes do ilê enquanto via um dos vídeos da apresentação de Vânia, “no Ilê a mulher é flecha da evolução”.

Considerações Finais

Este estudo abordou três trabalhos artísticos que foram construídos, dançados e inspirados a partir de trajetórias de mulheres negras. Alargando assim a noção de danças negras, ao atribuir perspectivas feministas e interseccionais a criação em dança. Propondo que o protagonismo da mulher na dança esteja além do corpo da mulher em cena, mas esteja também na construção de suas poéticas e estéticas.

Tais possibilidades puderam ser acessadas por meio do trabalho da autora, que apresentou a construção de uma célula coreográfica ainda em processo, em que foi possível propor o encontro intergeracional das trajetórias ancestrais, acessadas por meio das histórias pessoais, uma abordagem criativa e pedagógica em dança, explorada no interior do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás, da qual foi aberta a participação de estudantes de Pós-graduação em Performances Culturais.

As conexões entre histórias pessoais e os estudos do feminismo negro, se tornou possível pela teia de sentidos construídas no processo de tecer uma escrevivência e um processo de criação em dança voltado para a história de mulheres negras do oeste baiano. Assim se materializaram cenicamente em meu corpo as sensações, sabores e dissabores da história dessas mulheres que estão em mim, como um mosaico me compondo e formando enquanto mulher.

Ao lançar o olhar para fora, tornou-se possível contemplar os fazeres artísticos da Corpórea Cia. de Corpos e sua primeira obra, o espetáculo Rés – Mulheres em Cárceres (2017) e Vânia Oliveira com sua performance ritual Eu, Mulher, Rainha... (2016). Ambos



os trabalhos dialogam com demandas contemporâneas inerentes a realidade das mulheres negras, seja do ponto de vista do sistema judiciário e suas formas de encarceramento e morte de nossos corpos, ou do ponto de vista estético na busca por novos referenciais de beleza e modos de fazer dança afro centrados, almejando o empoderamento das mulheres negras, de modo específico e a conscientização da população negra de um modo geral.

Os trabalhos aqui apresentados deixam evidente que a arte pode ser política e que a dança especificamente pode contribuir para a luta antirracista, para a construções de estéticas plurais e ainda para a disseminação de saberes feministas e afro centrados.

REFERENCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento**. Estudos Avançados 17 (49), 2003. p. 117-132. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>> Acesso em 15 de Jul. de 2019.

CRENSHAW, kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas 1/2002. Ano 10. P. 171-188.

EVARISTO, Conceição. **Dos sorrisos, dos silêncios e das falas**. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Orgs.). **Mulheres no Brasil: Resistência, lutas e conquistas**. João Pessoa: Editora Universitária -UFPB, 2009b. Disponível em: <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/dos-sorrisos-dos-silencios-e-dasfalas.html>> Acesso em: 17 de jul. 2019.

OLIVEIRA, Vânia Silva. **Ara-Ítân: a dança de uma rainha, de um carnaval e de uma mulher...** / Vânia Silva Oliveira. - 2016. 182p. Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Gilsamara Moura. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2016.

Universidade Federal de Goiás. **Projeto pedagógico do curso de graduação em Dança**. Disponível em <https://feff.ufg.br/up/73/o/Projeto_Pedag%C3%B3gico_do_Curso_Dan%C3%A7a.pdf> Acessado em 14 de jul. de 2019.

Oficinas Culturais do Estado de São Paulo. **Outros movimentos para a dança brasileira**. Disponível em <<http://www.oficinas culturais.org.br/programacao/detalhe-programacao.php?idprogramacao=8547&fbclid=IwAR10LOMGLLeSmgKu6Zcyi9E5gyw1YMcC2dNfWWy37e0Fn0VK9jWeBdTT2XPg>> Acesso em 15 de jul. de 2019.



Corpórea Companhia De Corpos estreia primeira obra de sua trilogia. Disponível em <<http://www.agendadedanca.com.br/corporea-companhia-de-corpos-estreia-primeira-obra-de-sua-trilogia/>> Acesso em 15 de jul. de 2019

Série de ações da Corpórea Companhia de Corpos coloca em pauta o encarceramento feminino. Disponível em <<https://www.itaucultural.org.br/serie-de-acoes-da-corporea-companhia-de-corpos-coloca-em-pauta-o-encarceramento-feminino>> Acesso em 15 de jul. 2019

Pesquisa “Rês negras, judiciário branco” se torna espetáculo de dança em São Paulo. Disponível em <<https://www.almapreta.com/editorias/realidade/pesquisa-res-negras-judiciario-branco-se-torna-espetaculo-de-danca-em-sao-paulo>> Acesso em 15 de jul. 2019.

Cia Étnica. Disponível em <https://www.facebook.com/pg/cia.etnica.3/about/?ref=page_internal> Acesso em 17 de Jul. de 2019.

Fragmento Urbano. Disponível em <<https://www.fragmentourbano.com.br/about>> Acesso em 17 de Jul. de 2019.

Sansacroma 15 anos. Disponível em <<https://correionago.com.br/portal/em-comemoracao-aos-15-anos-da-cia-sansacroma-apresenta-tres-espetaculos/>> Acesso em 17 de Jul. de 2019.